



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Renata Cristina de Sousa Nascimento¹

A arte, o texto e as guerras: as representações sobre os conflitos no norte da África (século XV)

The Art, Text and Wars:
Representations About the Conflicts in North Africa (XV century)

Resumo:

D. Afonso V (1438-1481) acrescentou ao seu título de rei de Portugal e do Algarve, a menção de aquém e de além-mar em África, devido obviamente à continuidade das conquistas marítimas que seu avô, João I (1385-1433) havia começado com a ocupação de Ceuta e, igualmente, por causa de seus feitos, recebeu o epíteto de “O africano”. Suas vitórias em Alcácer Ceguer (1458) e, depois de Arzila e Tânger (1471), contribuíram para a memória de seu reinado. Nosso objetivo é analisar as crônicas produzidas sobre seus feitos militares em África e as Tapeçarias de Pastrana, símbolo artístico das conquistas de Arzila e Tânger, que assumem enorme importância simbólica e histórica. Entre a imagem e a escrita foram construídas representações e valores que refletem o imaginário político e social, elementos de uma realidade que desejava-se perpetuar.

Palavras-chave:

Guerra; Representações; Arte.

Abstract:

Afonso V (1438-1481) added to his title of King of Portugal and the Algarve, the mention of domestic and overseas in Africa, obviously due to the continuity of maritime achievements that his grandfather, John I (1385-1433) had begun with the occupation of Ceuta and also because of his achievements, he received the epithet of "African". His victories in Alcacer Ceguer (1458) and then of Asilah and Tangier (1471), contributed to the memory of his reign. Our goal is to analyze the chronic produced about his military exploits in Africa and the Pastrana Tapestries, artistic symbol of the achievements of Asilah and Tangier, who take enormous symbolic and historical significance. Between the image and the written representations and values that reflect the political and social imagination, elements of a reality that wanted to perpetuate.

Keywords: War; Representations; Art.

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Participante do NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos-UFPR), Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Mestrado em História).

Em “Renascimento do Acontecimento”, François Dosse (2013) afirma que assistimos ao retorno do acontecimento, a uma incursão privilegiada na singularidade. “Dentro dessa perspectiva, o acontecimento não é um simples dado que basta coletar e comprovar sua realidade, é uma construção que remete ao conjunto do universo social como matriz da constituição simbólica do sentido.” (Dosse, 2013: 12). Neste âmbito, nosso objetivo é o retorno possível às conquistas portuguesas em África no século XV, escolhendo, através das narrativas sobre as guerras afonsinas em Arzila e Tânger (1471), elementos de análise que redimensionaram as batalhas e criaram ao redor destas representações de uma realidade que se desejava perpetuar. Para tanto dividimos nosso texto em três partes: 1ª- O contexto da guerra em África no século de D. Afonso V; 2ª- As narrativas cronísticas sobre as batalhas; 3ª- As Tapeçarias de Pastrana, símbolo artístico das conquistas de Arzila e Tânger.

1. O contexto da guerra em África no século de D. Afonso V

O século XV foi marcado pelo avanço da presença portuguesa em África, inaugurada efetivamente em 1415 após a propagada conquista de Ceuta. Pelo caminho ficou o desastre de Tânger, ocorrido em 1438. O início da expansão portuguesa também é reflexo da conjuntura do reino, recém-saído de um complicado processo de substituição dinástica em que a nova casa real ainda necessitava legitimar-se tanto junto à Sé Católica quanto em relação a toda a cristandade. Nada mais importante do que dar continuidade ao combate em nome da fé. O imaginário da guerra santa é revivido no palco africano.

“Desde logo, o estabelecimento dos portugueses foi feito sob o signo da continuidade da Reconquista e da Cruzada, e visava tanto a vingança pela invasão e ocupação das *Espanhas*, como a recuperação da antiga África Cristã. Procuravam-se e salientavam-se com afã as marcas daquelas, desde Santo Agostinho aos sinos roubados das igrejas e profanados nas mesquitas...A sacralização do espaço passou ainda pela imposição dos sinais da religião triunfante.” (Rosa, 2010: 93).

O interesse pela aventura guerreira no Norte de África se estende até o reinado manuelino. As Crônicas de Gomes Eanes de Zurara em especial a *Crônica do Conde Dom Duarte de Meneses* nos dão ricas informações sobre a presença dos portugueses na África, em especial durante os governos de D. Pedro e D. Afonso V. A fortaleza de Alcácer Ceguer que esteve sob o comando do Conde D. Duarte de Meneses de 1458 a 1464, permitiu um maior domínio português sobre o extremo setentrional marroquino. A posse de Alcácer Ceguer conseguida em 24 de outubro

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
 A Arte, o Texto e as Guerras:
 As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com

de 1458 também contribuiu para o controle de Gibraltar e a tão sonhada conquista de Tânger. Esta cidade enfraquecida, devido ao cerco, tornou-se presa fácil para o exército português: “[C] Om estas cousas que assy o conde hya fazendo na terra dos mouros hyaosseu poder delles enfraquecendo cada uez mais. Specialmente naquela comarca de tanger, onde se o sseudeseio mais inclinauafazer dampno” (Zurara, 1978: 250-251). Também não é demais lembrar que durante a regência petrina houve incentivo às navegações ao longo da costa ocidental africana e a ocupação da ilha da Madeira e dos Açores. A exemplo do que aconteceu no governo de D. Duarte, o infante D. Henrique continuou sendo o cabeça dos movimentos expansionistas, estribado num monopólio real e henriquino que, no essencial, garantia a cobrança do quinto das mercadorias pela Ordem de Cristo, da qual D. Henrique era mestre e cuja importância era transferida ao erário régio. Além disso, em primeiro lugar, eram concedidas licenças para ir até a África aos escudeiros e mercadores ligados à casa senhorial do Navegador.

Começaram, então, a chegar a Portugal escravos, ouro e produtos exóticos de toda espécie. A questão marroquina² também não foi esquecida, mas devido a problemas internos não foi possível dar-lhe continuidade de imediato.

Imagem 1



Disponível em:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Predefini%C3%A7%C3%A3o:Mapa_pol%C3%ADtico_de_Marrocos_\(s%C3%A9c._VIII-XI\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Predefini%C3%A7%C3%A3o:Mapa_pol%C3%ADtico_de_Marrocos_(s%C3%A9c._VIII-XI))

² Os portugueses pretendiam primeiramente conquistar Tânger, vingando assim a derrota de 1437 e o martírio do Infante D. Fernando, mas de início isso ainda não era possível.

Em 1471 Tânger foi conquistada. Isso foi possível devido à tomada de Arzila. Damião Peres (1932: 433-450) narra com detalhes a conquista dessas cidades e as dificuldades que os portugueses enfrentaram para fortificá-las e mantê-las sob seu domínio. Os marroquinos, desde o início, tentaram incessantemente reconquistar Arzila. Para incentivar a política expansionista e torná-la menos onerosa para o reino, por diversas vezes, D. Afonso V concedeu donatarias e territórios a particulares que, por iniciativa própria, viessem a conquistar terras no Atlântico. As interpretações da conquista africana perpassam sempre pelo conceito de cruzada. Saul Gomes (2007: 224) fala sobre o “cruzadismo de D. Afonso V”, reanimado pela queda de Constantinopla, ocorrida no ano de 1453. A ameaça constante dos otomanos fez reviver, entre os europeus ocidentais, o fervor religioso. Estavam agora sob o domínio de Portugal, as cidades de Ceuta (1415), Alcácer Ceguer (1458), Anafé (1469), Arzila (1471) e Tânger (1471). O esforço para a manutenção destas praças será constante. O epíteto “O africano”, dado ao rei é reflexo da memória construída sob este monarca, fruto das narrativas sobre seu protagonismo nos empreendimentos militares em África.

Como reflexo econômico da expansão, podemos destacar o seguinte: a estabilização da moeda e a cunhagem da primeira peça de ouro (importada da África subsahariana), o Cruzado. A cidade de Lisboa tornou-se centro comercial para mercadores estrangeiros que estavam à procura dos produtos exóticos do ultramar, como açúcar e escravos. Durante o período afonsino ainda era a Casa da Moeda de Ceuta quem emitia os meios escudos, prova de que nessa cidade o comércio português também se abastecia de ouro. O século XV assistiu, por isso, ao desenvolvimento de tributos incidentes sobre o comércio, a circulação de mercadorias e a passagem pelas aduanas. Além disso, o reino português lançou-se gradativamente à atividades para-fiscais, patrocinando empreendimentos comerciais e explorações marítimas na África. As receitas daí decorrentes, já no reinado posterior a este, iriam multiplicar-se, superando em alguns momentos as rendas fiscais internas.

Apesar dessas transformações, decorrentes da expansão marítima, a sacralização da guerra e da conquista sempre se fez presente. Um exemplo notável, a respeito, é o fato do rei ser adepto fervoroso de uma nova cruzada geral da Cristandade contra os mouros, tendo chegado a enviar sucessivas embaixadas à Santa Sé e a outros estados europeus no sentido de conseguir apoio aos seus intentos, ainda que, por trás do mesmo, pudessem haver também segundas intenções, mas o fato é que a conquista de Constantinopla, em 1453, pelos Otomanos, acentuou ainda mais seu desejo de derrotar o islã. Mas, devido à falta de apoio, Afonso V foi obrigado a desistir de recuperar Constantinopla das mãos dos infiéis:

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
A Arte, o Texto e as Guerras:
As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com

“foy El Rey fynalmente e sem contradicam aconselhado, que na empresa de Cruzada se nomantremetese, e que repousasse, regendo em paz e justiça seus Reynos e vassalos, atée que a visse tomar proseguir a outros Princepes, e que podia passar em África, e tomar aos infieis algum lugar, em que Deos fosse servydo...” (Rui de Pina, 1901: 60).

De fato, a vocação portuguesa para a expansão marítima está carregada de simbologia na medida em que esta não era vista como uma ação puramente mercantilista e de caráter econômico, e sim como uma missão, um cumprimento de um destino épico, traçado por Deus, de formar um grande império. Os monarcas de Avis puderam empreender uma ação que era, ao mesmo tempo, um prolongamento da cruzada em Marrocos e uma maior penetração no Oceano Atlântico.

2. As narrativas cronísticas sobre as batalhas

A dicotomia expansão/cruzada permaneceu na produção discursiva sobre a presença portuguesa em África. O olhar dos cronistas reflete o imaginário construído ao redor de uma sociedade guerreira. Os símbolos da conquista, os atos heróicos, as linhagens nobres e a ação dos participantes nos empreendimentos africanos, são objetos das narrativas sobre as batalhas. Dentre estas escolhemos duas: A Crónica de D. Afonso V, de Rui de Pina (1901) e a Crónica do Príncipe D. João, de Damião de Góis, ambas produzem um discurso construído sobre a tomada de Arzila, possuindo elementos importantes para a preservação da memória sobre este acontecimento.

A Crónica de D. Afonso V foi escrita durante o reinado de D. Manuel (1495-1521) nesta encontra-se o que Rita Costa Gomes (1998: 25) chamou de versão oficial dos fatos, sendo, entre as crônicas atribuídas a Rui de Pina, uma das mais equilibradas e completas, pois além do livre acesso que tinha ao arquivo da Torre do Tombo, viveu parte de sua vida durante os anos afonsinos. Estas procuram enfatizar um discurso da realeza sobre um determinado acontecimento ou período. O tom oficial do relato revela um discurso mais polido. Esta crônica não dá muito relevo às viagens de navegação, suas narrativas se concentram sobre Alfarrobeira e sobre a política peninsular de Afonso V. De todo modo, podemos tentar analisar o que o cronista nos diz sobre o cerco de Arzila, ocorrido em 1471:

“Estando El- Rei n’aquelle teso, a sua gente cada vez lhe mingoava mais, e a dos mouros crescia contra elle em maior vantagem, e em vozes altas e iradas disseram contra os christãos: Dizei a vosso Rei que não queremos com elle paz se não crua guerra, e que saiba por estas barbas e

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
A Arte, o Texto e as Guerras:
As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com

cabeças que tocamos que hoje é o dia da nossa vingança.” (Pina, 1901: 61-62).

E mais adiante:

“E os mouros vendo-se entrados e perseguidos dos cristãos pelejando bravamente uns se recolheram a misquita, e outros, os mais honrados ao castello. E com os da misquita ante de ser vencida, houve de uma parte e da outra mui crua e sangrenta peleja...E acabada a peleja da misquita, logo a gente recorreu ao castelo, que de totalas partes era mui forte e defensável, cujo combate por esforço d’El-Rei e do Príncipe, que eram presentes foi com tanta força e ardileza cometido, que logo antes de algumas escadas serem postas, os cristãos por lanças e páos com muita desenvoltura sobiam às torres e muros, de que os debaixo com uma louvada inveja de tanta honra perdiam seus corpos, pois no patim do castello houve tão mortal peleja, como parecia claro nos muitos mortos e feridos que em todas partes jaziam.” (Pina, 1901: 61-62).

Por estes pequenos trechos, podemos auferir a memória construída sobre o cerco de Arzila, que enfatizou as dificuldades da conquista (pois o número do efetivo dos mouros era maior), o protagonismo do rei e do príncipe D. João II, que participaram pessoalmente da conquista, a honra dos cristãos (invejada pelos mouros) e a ênfase nas batalhas sangrentas, com elevado número de mortos. A dicotomia mouro/cristão permanece respaldando a coragem dos cristãos frente aos infiéis. Em Arzila vários nobres encontraram a morte, entre eles D. João Coutinho, conde de Marialva e valido do rei. A crônica narra a tristeza de D. Afonso V em relação à morte de seus fidalgos. O príncipe foi armado cavaleiro em Arzila, junto ao corpo do conde:

“E, porém como El-Rei sentiu que o feito com desejado vencimento era de todo acabado, foi logo á misquita dos mouros, onde sobre o corpo do conde de Marialva, achou já uma cruz, a qual por começo do serviço e sacrificio, que a Deus n’ella ao diante se havia de fazer, logo beijou e adorou, e depois de fazer oração, logo junto com o corpo morto do dito conde, armou per si o Príncipe seu filho por cavaleiro, com palavras de grandes louvores e muitas bondades e merecimentos do mesmo conde. E sendo ambos d’armas victoriosas vestidos, El-Rei no cabo de auto tão devoto e tão glorioso, disse ao príncipe, e não sem lágrimas: - Filho, Deus vos faça tão bom cavaleiro como este que aqui jaz.” (Pina, 1901: 63-64).

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
 A Arte, o Texto e as Guerras:
 As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com

Pina esboça elementos comuns presentes nos relatos cronísticos do século XV, exaltando valores nobiliárquicos e cavaleirescos, embora menos acentuado que as crônicas de Gomes Zurara, escritas antes dele sobre a conquista da África.

Em relação a Damião de Góis temos que também levar em consideração a época da produção da obra, concebida já sob a influência do Renascimento e Humanismo, e dedicada a D. João III. Esta tem por objetivo a história portuguesa desde o nascimento do príncipe D. João II até a morte de seu pai Afonso V, abrangendo um espaço de 26 anos. Sua primeira publicação ocorreu em 11 de abril de 1567. No fundo é um texto que pretende completar as crônicas anteriores sobre o Rei Africano, sob o disfarce da história de uma parte da vida do Príncipe Perfeito. A partir do capítulo XXII, se estendendo até o XXIX, o cronista passa a descrever a antiguidade da vila de Arzila, narrando, a partir do XXIII, o desembarque e cerco à cidade. Este nos oferece uma descrição sobre o que ocorreu após as batalhas na mesquita e no castelo:

“Assada aquella noite loguoemanhecendo mandou elRei q hos corpos dos mouros mortos, feenterrafem fora dos muros, & q hoschriftãosfeenterraffem na Mizquita, & com iftomãdou q ha primeira coufa q ha clerezia feze ffe foffe ordenar hascoufasneçeffariaspahamConfagraçãdella, à qlçirimonialrei, &hoprincipeforãprefentes, mudãdohonomdáqllacafa profana, é nome da Affumpçã de noffa Senhora, p memoria do dia em q elRei partira de Lisboa, e sendo quomo ha Mizquita foi fagrada por hum dos Biffos q erãprefentes...” (Góis, 1567: 60).

Essa narrativa enfatiza a sacralização do lugar e a preocupação do monarca em promover um enterro cristão para seu exército. Também não esquece do perfil de um rei que chora por seus companheiros de batalha, realçando sua lealdade. “Um rei generalíssimo de seu exército, que não esquece as suas obrigações religiosas” (Gomes, 2009: 17). Apesar de oferecer um balanço relativamente positivo da herança política do monarca, Góis está mais preocupado em valorizar as virtudes do jovem príncipe.

Uma difusa imagem, oferecida pelas narrativas, não deixam, no entanto, de destacar o aspecto guerreiro e cruzadístico do monarca e a aventura em África. A imagem idealizada é acentuada por seu epíteto “O Africano”, que conforme Gomes (2009: 11) foi primeiramente concebida em 1530, pelo erudito renascentista Cristovão Rodrigues Acenheiro.

3. As Tapeçarias de Pastrana, símbolo artístico das conquistas de Arzila e Tânger

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
A Arte, o Texto e as Guerras:
As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com

As Tapeçarias de Pastrana constituem-se em importantes representações dos acontecimentos políticos-militares do reinado de D. Afonso V. “Entre as várias hipóteses aventadas, a que reúne mais consenso é a de terem sido doadas ao rei D. Filipe II por Rui Gomes da Silva.” (Rodrigues, 210: 31). Este veio a ter o título de Duque de Pastrana. Foram produzidas nas oficinas flamengas de Tournai no final do século XV. É um documento visual da política norte-africana. Das 4 tapeçarias, três são evocativas da tomada de Arzila, ao passo que a quarta nos dá a visão da ocupação de Tânger. Estas são divididas também em 4 temas: *O desembarque em Arzila*, *O cerco a Arzila*, *O Assalto a Arzila* e *a Tomada de Tânger*.

É preciso compreender a importância das representações enquanto elementos simbólicos de exaltação do poder real e é neste sentido que inserem-se as *Tapeçarias*, como expressões comemorativas encomendadas por Afonso V para recordar seus feitos militares em África. Expressão visual, que eternizou suas conquistas. Rei belicoso, fato que irá custar ao erário régio enormes prejuízos, a imagem cultivada pelo monarca procura exaltar os anos gloriosos no palco marroquino. Seu cognome, inspirado em Cipião, o africano, conquistador da Espanha revela uma intenção da imagem que desejava-se perpetuar.

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
A Arte, o Texto e as Guerras:
As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com

Imagem 1

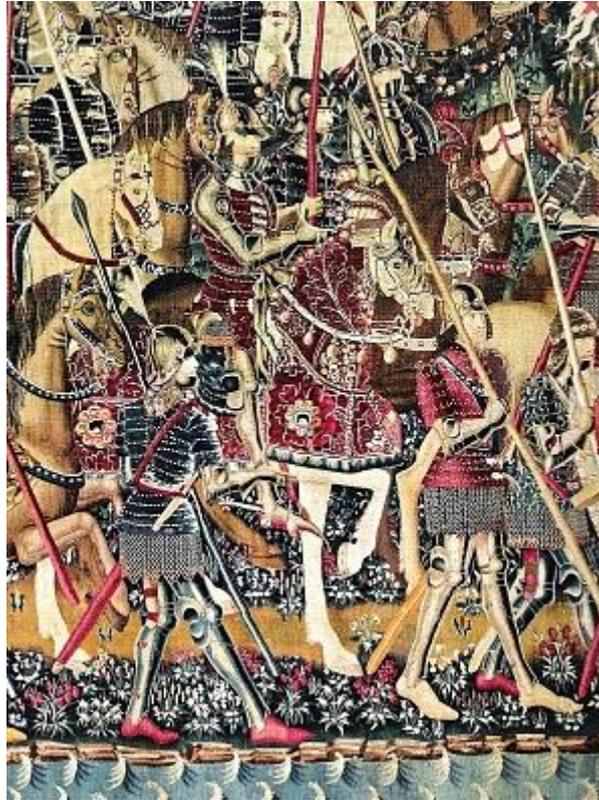


Retrato de D. João II

Disponível em: <http://www.pastrana.org/> Acesso em 22/05/2014

Imagem 2

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
A Arte, o Texto e as Guerras:
As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com



Entrada em Tânger (por cima de um tapete de flores) - Disponível em:
<http://avosices.blogspot.com.br/2010/08/as-tapeçarias-de-pastrana.html>. Acesso em 22/05/2014)

Tapeçarias dedicadas à tomada de Arzila: O Desembarque (figura 1). O Cerco de Arzila (figura 2), O Cerco de Arzila (figura 3) e o Assalto a Arzila (figura 4).

Figura 1

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
A Arte, o Texto e as Guerras:
As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com



Figura 2



Disponível em: <http://www.pastrana.org/>. Acesso em 22/05/2014

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
A Arte, o Texto e as Guerras:
As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com

Figura 3



Disponível em: <http://prosimetron.blogspot.com.br/2010/07/pastrana-e-beja.html>. Acesso em 22/05/2014

Figura 4



Disponível em (Araújo, 2012: 120)

Inserida neste contexto, a monarquia, a par das prerrogativas correspondentes ao seu estado, também desfrutava do que hoje compreendemos como capital simbólico. A necessidade de legitimidade inauguraria o que se pode chamar de uma nova gramática de poder, incorporada tanto na consolidação e reconhecimento da expansão marítima enquanto impulsionadora do cristianismo, quanto na busca pela representação de sacralidade e poder dinástico e de sua importância e continuidade. Uma forma de consagrar em imagens a conquista portuguesa em África. “Ao mesmo tempo, ilustram, de maneira inigualável, as formas de combate do século XV, representando as armaduras, as lanças, os estandartes, as bandeiras, os navios, os canhões e as armas de fogo em voga nesses mesmos anos” (Ibarra, 2010: 29).

Estes símbolos da vitória guerreira trazem o monarca cercado pelos seus principais homens de armas e com gloriosas armaduras e estandartes. Os panos conseguem resumir, através de magníficas representações, o histórico das guerras. Nas *Tapeçarias* “o encontro é com o rei, senhor dos exércitos, na plenitude do cerimonial da guerra e dos seus triunfos” (Gomes, 2007: 13).

Considerações Finais

As *Tapeçarias* desapareceram de Portugal em 1530 sendo reencontradas posteriormente na Espanha, como bens dos duques do Infantado. Estes cedem-nas à Colegiada de Pastrana onde ficaram esquecidas até ao início do século XX, altura em que foram redescobertas por historiadores de arte portugueses. Símbolos de poder e produção de memória, tanto as narrativas escritas como visuais, colaboram com a projeção de um retrato das conquistas afonsinas como elementos que perpetuam, a longo prazo, a imagem do rei- cavaleiro, evocando os feitos afonsinos em sua essência comemorativa e representativa, contribuindo para a perpetuação deste momento histórico em sua dimensão heroica.

Campo de conflitos, as narrativas são construções históricas. Parafraseando Peter Burke (1992), as narrativas projetam acontecimentos e intenções conscientes dos atores envolvidos, lembrando que nesses acontecimentos, “existem as estruturas – instituições e modos de pensar - e elas atuam com o um freio ou um acelerador para os acontecimentos” (Burke, 1992: 339).

Referências

Fontes

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
 A Arte, o Texto e as Guerras:
 As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com

Antônio Manuel Rebelo & Aníbal Pinto de Castro (2002). *Damião de Góis*. Lisboa: Gulbenkian, (CD).

Gomes Eanes de Zurara (1978). *Crônicas do Conde D. Duarte de Meneses*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Rui de Pina (1977). *Crónica do Rei D. Duarte*. Lisboa: Editorial Presença.

Rui de Pina (1901). *Crónica de El Rei D. Affonso V*. Lisboa: Escriptorio.

Bibliografia

Araújo, I. F. M. (2012). *As Tapeçarias de Pastrana, uma iconografia da Guerra*. Dissertação de Mestrado em arte, patrimônio e teoria do restauro. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Araújo, I. F. M. (2013). *As representações da guerra medieval*. As Tapeçarias de Pastrana como ponto de partida. *Cadernos de História da Arte: Revista do Instituto de História da Arte - Centro de Investigação*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, vol. I, nº 1. Lisboa, 32-42.

Burke, P. (org) (1992). *A Escrita a história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp.

Costa, J. P. O. (2011). *D. Manuel I. Reis de Portugal*. Lisboa: Temas & debates.

Dosse, F. (2013). *Renascimento do Acontecimento*. São Paulo: Unesp.

Fernandes, F. R. (2000). A Participação da Nobreza na Expansão Ultramarina Portuguesa. *Revista de Estudos Ibero – Americanos*. Ed Especial Brasil 500 anos. Porto Alegre: PUCRS, 107-124.

Gomes, R. C. (1985). *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*. Lisboa: Difel.

Gomes, R. C. (1998). “Rui de Pina”. In: *História e Antologia da Literatura Portuguesa. Século XV*. Lisboa: Fundação CalouteGulbenkian.

Gomes, S. A. (2009). *D. Afonso V- o africano*. Reis de Portugal. Lisboa: Temas & debates.

Guimarães, M. L. (2013). *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e Narrativas Ibéricas Medievais*. Curitiba: UFPR.

Nascimento, Renata Cristina de Sousa.
A Arte, o Texto e as Guerras:
As Representações Sobre os Conflitos no Norte da África (século XV)
www.revistarodadafortuna.com

Ibarra, M. A. B. (2010). *As tapeçarias de Pastrana e a expansão portuguesa no norte de África*. In: A Invenção da Glória: D Afonso V e as Tapeçarias de Pastrana. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 17-29.

Le Goff, J. (1993). *Para um Novo Conceito de Idade Média*. Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente. Lisboa: Estampa.

Monteiro, J. G. (1998). *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa: Notícias.

Museu Nacional de Arte Antiga e Fundação de Carlos de Amberes (ed.). (2010). *A Invenção da Glória. D. Afonso V e as Tapeçarias de Pastrana*. [s.l.]: Museu Nacional de Arte Antiga e Fundación Carlos de Amberes.

Nascimento, R. C. S. (2004). *A Imagem de Nobreza em Portugal no Governo de D. Afonso V (1438- 1481)*. Fragmentos de Cultura, vol. 14, número 9, Goiânia: UCG, 1657-1663.

Peres, D. (1932). *História de Portugal*. Lisboa: Portucalense, vol. 4.

Ramos, R; Sousa, B. V; Monteiro, N. G. (2009). *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Rodrigues, D. (2010). *As tapeçarias de Pastrana e os Painéis de São Vicente*. Legado Artístico e memória simbólica do reinado de Afonso V. In: A Invenção da Glória: D Afonso V e as Tapeçarias de Pastrana. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 31-35.

Rosa, M. L. (2010). *Longas guerras, longos sonhos africanos*. Da tomada de Ceuta ao fim do Império. Porto: Fio da Palavra.

Schmitt, J-C. (2007). *O Corpo das Imagens*. Ensaios sobre cultura visual na Idade Média. Bauru, SP: Edusc.

Vidrovitch, C. C. (2004). *A Descoberta de África*. Lisboa: Edições 70.

Recebido: 01 de junho de 2014
Aprovado: 17 de janeiro de 2015